

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



ἩΜΕΙΣ ΕΙΜΕΝ ΤΟΙΣ ΠΑΤΕΡΑΣ
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

O DEMAGOGO E O HOMEM PROVIDENCIAL: PISÍSTRATO PELAS *HISTÓRIAS*, DE HERÓDOTO

LEANDRO MENDONÇA BARBOSA

Universidade Anhanguera-Uniderp
leandromemorialista@gmail.com

Resumo

A proposta principal deste artigo não é somente compreender o período da tirania ateniense em suas acepções históricas. Pretende-se um cotejamento entre dois tipos de governo: a legislatura de Sólon e o governo do tirano Pisístrato, para com isto perceber os processos que culminaram na ascensão do governo tirânico. Como documentação, será utilizada a obra narrativa *Histórias*, de autoria do historiador Heródoto. Abarcar algumas discussões teóricas e conceituais, como a do próprio termo «tirano», também se faz essencial em nosso trabalho.

Palavras-chave: tirania; Sólon; Pisístrato; Heródoto

Abstract

The main purpose of this article is not only to understand the period of Athenian tyranny in their historical meanings. The aim is to do a comparison between two types of government: the legislature of Solo and the government of Pisistratus, the tyrant, to realize that the processes that culminated in the rise of tyrannical government. As documentation, will be included a narrative *Stories*, written by the historian Herodotus. To cover some theoretical and conceptual discussions, such as the very word «tyrant», is also essential in our work.

Key-word: tyranny; Solon; Pisistratus; Herodotus

Neste artigo, pretendemos discorrer sobre as transformações políticas e sociais que ocorreram com o fim da época homérica e o início da chamada época arcaica e pontuar as transformações políticas e sociais que aconteceram em constante relação com as transformações culturais. Centramos nossa pesquisa na cidade de Atenas, primeiro por ser a cidade-estado que mais documentos nos legou e também por uma questão de espaço neste trabalho. Destarte, é imprescindível ressaltarmos que muitas outras tiranias aconteceram em todo o território grego¹ e seria errôneo de nossa parte creditar menos importância a estes governos. A questão de adentrarmos na tirania de Pisístrato foi uma opção por entendermos que esta foi de extrema importância para a política na Antiguidade de um modo geral, devido a suas peculiaridades e transformações sociais. Toma-se fundamental elucidarmos que na época arcaica Atenas ainda não conhecia seu apogeu, pelo contrário, antes das guerras Greco-Pérsicas, esta cidade era muito mais atrasada do que a maioria dos centros helênicos². De acordo com Norberto Guarinello, é com esta guerra que Atenas se tornará a cidade-estado mais importante e, conforme o autor, exercer seu imperialismo³.

Nossa intenção é elucidar brevemente a transição do período anterior – o homérico – para o período arcaico. É fundamental para a compreensão desta transição entendermos os fatores econômicos que modificaram a estrutura política e propiciaram a formação de um novo campo político. Entendemos que no período homérico a aristocracia exerceu amplo poder social, contudo transformações econômicas ocorridas na passagem de século VIII a. C. para o século VII a. C. fizeram com que outros segmentos sociais também enriquecessem: «A crescente riqueza das comunidades no século VII era, em parte, distribuída entre homens que estavam fora das aristocracias dominantes e que se ressentiam de sua falta de influência»⁴.

Mas como este estamento social que até então estava subjugado à aristocracia enriqueceu na passagem de um século para outro? Alguns fatores foram determinantes. O primeiro deles seria a origem da colonização helênica que, embora tenha muitas versões, transformou os valores e conceitos econômicos até então vigentes na sociedade. A aristocracia, que já não poderia depender exclusivamente da terra, foi comercializar com outras sociedades, abrindo assim espaço para as rotas comerciais. Claude Mossé diz que um número de homens que não fazia parte da aristocracia lançou-se ao mar para comercializar materiais da qual a Grécia não possuía ou era muito pobre, como o ferro, imprescindível para o fabrico de armas e utensílios⁵, ou o trigo trazido do Egito. Desta forma, a aristocracia já não possuía o monopólio das rotas comerciais.

Entretanto, falar em economia para o período arcaico é demasiadamente complexo, pois os pensadores antigos não formaram este conceito até antes do século IV a. C. e é com os filósofos deste período que surge uma reflexão sobre a moeda e a atividade mercantil⁶. Por este motivo não faremos uma longa reflexão do por que os indivíduos que não faziam parte desta aristocracia lançaram-se ao mar em busca de novas riquezas⁷.

Posteriormente vieram se unir a estes mercadores muitos integrantes do campesinato que foram arruinados por esta nova prática mercantil, enfraquecendo os privilégios aristocráticos⁸. Este campesinato se moderniza e modifica o conceito de sociedade pastoril: «No entanto, temos provas concretas de que o século VIII assistiu ao desenvolvimento de uma economia agrícola e expensas das formas de economia pastoril dominantes no decurso dos séculos obscuros. (...) E o grande poema de Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, composto em fins do século VIII, chegou inclusive a ser considerado como a primeira obra de agronomia grega digna desse nome. O aumento demográfico, revelado pelo estudo das necrópoles, dá igualmente testemunho desse crescimento da produção agrícola, que deve ter derivado, se não de melhores técnicos (não se sabe ao certo quando é que o arado vem a surgir, e a própria charrua irá continuar a ser um instrumento relativamente primitivo até época bastante tardia), pelo menos do arroteamento das *eschatai*, das zonas fronteiriças»⁹. Esta evolução agrícola tirou grande parte da influência comercial da antiga aristocracia pastoril, que começa a ver seu patrimônio definhar.

Todavia, está claro que um outro grupo ascendeu com o enfraquecimento da antiga aristocracia: trata-se dos artesãos. A cerâmica passa a ser um produto acalentado pelo consumo, haja vista a multiplicidade de formas e pelo aperfeiçoamento da técnica e do estilo¹⁰. Estes artefatos passam a ser usados tanto por comerciantes – como recipiente de transporte de trigo, azeite ou vinho, ou mesmo como utensílio a ser comercializado – como pelo *oikos*, para função cotidiana. Com a popularização da cerâmica – que causou também o barateamento da mesma – as famílias passaram a utilizá-la como primeiro utensílio para o cozimento e armazenamento alimentar. Já a família aristocrática se vê obrigada a diminuir seus filhos, pois a terra era cada vez menor e a partilha em muitos filhos acabaria por tornar ínfimo o território herdado por cada um¹¹. Assistimos nesta época o começo do endividamento campesino – que culminará com as reformas de Sólon – e do declínio aristocrático e da mão-de-obra que para ela trabalhava. Não se sabe com precisão as causas deste endividamento, mas acredita-se que um dos motivos seria a exportação de cereais de outras localidades, resultando em um colapso da produção local¹².

Outra causa de extrema importância – para alguns de principal importância – para a transformação ocorrida no início do arcaísmo não é econômica, mas social. Trata-se da chamada reforma hoplítica. A primeira representação de uma falange hoplítica trata-se do vaso coríntio *oinochos* Chigi, datado do século VII a. C.; podemos concluir então que no século VII a. C. a falange já existia.

Uma parte da população helênica, que transformou de forma significativa suas finanças com o comércio, passou a investi-la na compra de armamentos e panóplias e compuseram um exército de conquistas: eram os hólitas, que compravam o metal trazido por mercadores para seus armamentos e ofereciam seus serviços em guerras e batalhas, exercendo assim uma manutenção do novo sistema vigente. Este exército colaborou para o esfacelamento da já arruinada aristocracia pastoral, uma vez que ajudou no estabelecimento das tiranias em toda a Grécia: «Para começar, digamos apenas que a falange não criou uma situação revolucionária, mas que ela deu aos descontentes – pelo menos a uma parte dos descontentes – um meio de se fazer ouvir. Ao mesmo tempo, ela eliminava, no nível das consciências, uma das justificações do monopólio aristocrático. Nesse sentido, ela foi uma condição *sine qua non* para uma mudança política importante. Temos vários indícios do controle dos hólitas por parte de tiranos quando de seus "golpes de Estado", e depois deles»¹³.

O hólita substituiu a idéia do herói homérico, nobre e descendente direto dos deuses. Contudo, para integrar este novo exército o indivíduo deveria ser abastado e com renda suficiente para custear seu próprio armamento de guerra. Trabuçá alerta-nos que não podemos pensar a falange como «classe hoplítica» ou «classe consciente de si própria»¹⁴; eles foram, na maioria dos casos, utilizados por manobras de tiranos para a tomada de poder. Para a religiosidade, a reforma hoplítica propiciou o enfraquecimento das bases aristocráticas, que por sua vez perdeu o poder de controle sobre a religiosidade da *polis*, fazendo os cultos rurais – como o de Dioniso – adentrarem no seio das cidades e serem apropriados pelos tiranos, que tinham intenção de alargar suas bases entre os populares e as camadas mais pobres. A falange hoplítica foi solidária no sentido de contribuir para este processo.

Com este colapso na estrutura vigente, o momento se torna maduro para uma tomada de poder por um tirano, pois os antigos governantes estavam arruinados e os novos governos, por sua vez, ainda encontravam-se desarticulados. Algumas tentativas ocorreram – como o caso de Cilon, em Atenas – porém a maioria fracassou. Com o medo de uma tomada de poder, a nova elite que se formou passa a adotar um sistema de leis

e convoca alguns membros desta elite para se tornarem legisladores. Surgem aí as primeiras figuras realmente históricas conhecidas na política grega. Peter V. Jones afirma que por volta de 621-20 a.C. o primeiro legislador ateniense conhecido por nós, Drácon, publica um código de leis que veio a tornar-se proverbial por sua severidade – daí o termo draconiano – baseado em regularizar os procedimentos que tratam de homicídio. Suas leis fundamentaram-se especificamente em dar uma resposta ao descontentamento dos eupátridas após a possibilidade de uma possível tirania de Cilon¹⁵.

Destarte, a questão mais complexa e profunda que nasceu deste colapso – a crise no sistema econômico agrário – não conseguiu ser nem sequer amenizada por Drácon; é daí que surge o principal legislador ateniense: Sólon. Este, ainda segundo Peter Jones (1997), foi nomeado *árkhon*¹⁶ em Atenas por volta de 594-93 a. C., já no século VI a. C. Por sua tentativa de legislar para todos, alguns autores creem que foi de Sólon que nasceu a democracia¹⁷ ou que durante a legislação deste a Grécia viveu a própria democracia¹⁸. Não partilhamos da idéia de que Sólon instalou a democracia ateniense ou que o mesmo foi um democrata. A democracia trilhou um relativamente lento processo após a tirania dos Pisistrátidas, que parte de Clístenes até chegar ao seu principal nome, Péricles.

Tratando rapidamente da legislatura de Sólon – já que nosso objetivo com este período é somente o de compreender o processo que propiciou a tomada de poder por Pisístrato – podemos ter como certo que este legislador modificou as bases da política e da sociedade ateniense, todavia sem a capacidade de transformá-las. O legislador diminuiu os poderes da então nova aristocracia que havia se instalado no campo e elaborou leis para os trabalhadores destas terras¹⁹: os *hectémoroi*²⁰ e os *pelatai*²¹, creditando maior direito aos trabalhadores, em uma tentativa de diminuir os descontentamentos e evitar o estouro de um conflito na sociedade, que a desestruturarla e acarretarla na tomada de poder por uma tirania: «Fica claro, portanto, (...) que Sólon foi chamado para tentar acalmar uma disputa, que não mais podia ser contida nos quadros constitucionais, sem levar a uma guerra interna de terríveis consequências»²². Os *hectémoroi* passaram a ser donos da parte de terras que ocupavam e uma das principais leis de Sólon – *Seisachtheia* – abolia as dívidas contraídas até aquele momento, embora a escravidão por dívidas tenha continuado. As mudanças ocorridas durante a legislatura de Sólon mudaram até a noção de *areté*. A virtude aristocrática que antes era um brilho divino, agora deve ser conquistada com um longo e penoso caminho traçado com trabalho,

disciplina e esforço²⁵. A virtude pode ser conquistada por qualquer um que tenha o dom para o trabalho e o crescimento social e intelectual.

Também é importante destacar a organização social que as leis de Sólon vão modificar. O legislador divide a cidade em quatro segmentos sociais conforme sua fortuna e influência no corpo da sociedade: os *pentakosiomedimnoi* – possuidores de uma renda elevada – os *hippeis* – cavaleiros – os *zeugitai* – hoplitas – e os *thetes* – trabalhadores²⁶. Embora somente os três primeiros tenham direitos políticos, os *thetes* poderiam recorrer aos tribunais e votar medidas que interessavam a eles. Desta forma, Sólon quebra com a estrutura tradicional de poder então vigente, embora ainda mantenha os *ghéne*²⁷. A legislação de Sólon também propiciou mudanças mais lentas que viram seu apogeu somente em fins do século, como «a orientação da agricultura para as culturas arbustivas, a busca de um abastecimento regular de cereais e o desenvolvimento da indústria cerâmica»²⁸. Sólon certamente deveria ter a consciência de que, ao alterar significativamente a política social de Atenas, poderia trazer consigo conflitos por parte dos insatisfeitos: «Sólon fundamentou suas concepções políticas na idéia de sacralidade da terra, e também na apropriação abusiva, por parte de poucos, das terras sagradas e públicas, o que evidentemente era considerado ilícito e suscitava protestos no momento em que o regime dos *ghéne* entrava em dificuldades e se encaminhava para uma situação de crise (...)»²⁹.

Newton Bignotto (1998) nomeia Sólon como o antitirano. Para o autor, o legislador ateniense era temperante e sábio em suas decisões e a tentativa de governar para todos partiu desta sabedoria. A opção por não se tornar ele mesmo um tirano, ainda na opinião de Bignotto, faz com que suas bases não se tornem sólidas e este não seja capaz de continuar seu legado. Sólon somente elaborou as leis, não deu a sustentação social necessária para que elas funcionassem. Tal como acontece com homens moderados como ele, que possuem o intuito de agradar a todos, Sólon não agradou ninguém e «viveu apenas o bastante para ver que fracassara»³⁰. Contudo, é nesta época que perceberemos mudanças bruscas nas idéias da *polis*. Além da transformação política – a lei como fator de diferenciação nas sociedades humanas – também foi filosófica, à medida que propiciou «a rebelião contra a tradição; a procura de novos princípios de explanação; a ascensão da dúvida como estímulo intelectual para as novas descobertas.»³⁰

Antes de adentrarmos na descrição histórica do período da tirania, devemos refletir sobre o conceito de tirano. Já de antemão devemos ressaltar que o conceito de tirano moderno não se aplica ao tirano antigo:

«A palavra *tyrannos* se difundiu na Grécia (...) na primeira metade do século VII a. C. O termo foi empregado pela primeira vez pelo poeta Arquíloco para se referir a Giges, usurpador do trono lídio. O termo pode tanto estar relacionado a uma cidade lídia da qual Giges era originário, quanto ao tirrenos que, para Heródoto entre outros, seriam de origem lídia»³⁰.

A estudiosa Arlene W. Saxonhouse, em artigo publicado no *The American Political Science Review*, concorda com a idéia de alguns especialistas em lingüística quando do uso da palavra tirano. Para a autora, a idéia de tirano foi sendo modificada ao longo dos anos até culminar em um conceito negativo utilizado para difamar governos ou indivíduos participantes da política contemporânea ou até para dar a entender que o indivíduo é mal e totalitário, seja na política, em sua vida particular ou profissional. Já o tirano grego provém de outro sentido: «The word *tyranny*, however, deriving from the ancient Greek *tyrannos*, is far richer than the popular image of an individual who abuses power might suggest. Indeed, it uncovers for us the meaning of rule without limits, whether moral, physical, or historical. The *tyrannos* is the new ruler, the one who has come to power in the city by means other than birth or established precedent. Therewith his illegitimacy – but also his freedom.»³¹

Reinhart Koselleck é um dos estudiosos que acreditam que conceitos não podem ser engessados semanticamente; como o de revolução ou Estado, que chegam a se tornar um clichê³², tantas são as ocasiões em que são utilizados. A tirania seria o rompimento com velhas tradições limitantes para a liberdade de ação, independentemente de limites biológicos de sucessão. Sendo assim, o impulso tirânico não foi necessariamente algo mal; poderia indicar uma criatividade e uma liberdade de transcender os limites herdados do passado³³.

Trabulsi assenta o tirano como um «homem providencial»³⁴. Com a crise no sistema sócio-econômico, a *polis* se sente na necessidade de buscar uma nova estabilidade; e nesta hora que o «homem providencial» se mostra. Os tiranos gregos foram homens que se aproveitaram da situação instável para propor uma nova forma de ação governamental para transformar a sociedade. Entretanto, o que se constata é que estes tiranos – eles próprios membros de uma aristocracia – não se comportaram como revolucionários e conservaram a situação já existente, entretanto com outras formas de ação, se aproveitando dos meandros culturais e religiosos, principalmente. Claude Mossé, já na primeira página de sua obra *La Tyrannie dans la Grèce Antique*, classifica os tiranos como «demagogos»³⁵, indivíduos que chegam ao poder se utilizando de artimanhas. Moses Finley, como exemplar adaptador da teoria weberiana, caracteriza

estes tiranos como «políticos profissionais»; estes fazem da política um modo de vida, todavia esta é uma atividade de segunda ordem, pois é utilizada somente como instrumento para realizar objetivos que, em sua essência, não são políticos³⁶.

Uma das principais – e únicas – documentações que tratam sobre a tirania, sobretudo a de Pisistrato, é a obra *Histórias*, do historiador grego Heródoto³⁷, redigida no século V a. C., por isso posterior ao período arcaico. Heródoto foi considerado o «pai da história», o primeiro historiador já no período romano pelo orador Cícero, por ser o primeiro escritor a coletar dados precisos sobre lugares, pessoas e fatos, com uma preocupação de deixar seu legado escrito para as próximas gerações. Para ressaltar a importância que Heródoto creditava à memória e o perigo da ausência de história, Jeanne Marie Gagnebin aponta: «(...) ele [Heródoto] toma para si a tarefa sagrada do poeta épico, transformando-a ao mesmo tempo pela busca de causas verdadeiras: lutar contra o esquecimento, mantendo a lembrança cintilante da glória (*kleos*) dos heróis, isto é, fundamentalmente, lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e remorativa»³⁸.

Embora muito se tenha discutido sobre Heródoto se aproximar muito mais de outras áreas das humanidades, como a geografia e a etnologia³⁹, pois muitas das impressões deixadas em suas obras tratam de um caráter mais antropológico do que propriamente histórico, esta foi considerada a primeira obra com uma preocupação histórica. Esta opinião de um Heródoto etnólogo também é partilhada por Arnaldo Momigliano, que coloca que somente depois de um tempo o escritor se interessou em redigir a história das Guerras Greco-Pérsicas⁴⁰. Em um artigo publicado na metade da década de quarenta do século passado, no *The American Historical Review*, Truesdell S. Brown analisa Aristóteles e conclui que o filósofo já chegara à conclusão de uma «ciência história», ao afirmar que a poesia fala em termos gerais, enquanto a história se preocupa com detalhes⁴¹.

O livro um de sua obra, intitulado *Clio*⁴² – todos os livros da obra de Heródoto tinham por título o nome de uma Musa presente na religião grega⁴³ – possui uma descrição da formação política e social do período arcaico ateniense, e nas partes cinquenta e nove a sessenta e quatro o historiador descreve a tomada do poder por Pisistrato e as articulações políticas que este teve de elaborar para manter-se neste poder. Torna-se complexo analisar o momento das tiranias em Atenas e em toda a Península Balcânica de uma forma geral porque a documentação que o relata é tardia⁴⁴. Embora saibamos que todos os documentos são parciais, é necessário um extremo cuidado ao lançar mão das afirmações contidas

nestas obras por estarem repletas de juízos de valor de uma época distinta daquela do momento que relatam.

Temos de ter a consciência que, tratando esta obra como documento, não devemos acreditar que estaremos conhecendo veridicamente os processos históricos; o que devemos saber é que estaremos analisando como Heródoto viu essas verdidades históricas e quais impressões particulares este deixou quando descreveu o que viu e ouviu. Mas temos de ter ciência que Heródoto não era desprovido de uma crítica sobre os depoimentos que colheu, crítica que não parte somente dele, mas de muitos pensadores da época. A crítica histórica surge na Grécia no século VI a. C.⁴⁸ – este que estamos analisando historicamente – e embora Homero, por exemplo, não possa ser considerado um pensador da construção de uma historiografia grega, é certo que seus poemas influenciaram as reflexões posteriores de escritores na construção de suas narrativas históricas.

Após refletirmos brevemente sobre nossa documentação, vamos à discussão das passagens, para podermos traçar uma coerente análise dos processos históricos. Já foi aqui elucidado por nós o processo de crise econômica e social que Atenas e a maioria das cidades-estado gregas sofreram. Aproveitando-se deste momento, diversos grupos de aristocratas uniram-se com a intenção de juntarem forças para viabilizar a chance de colocarem um representante de sua facção no governo ateniense. Em Atenas, o *arconte* Damásias ficou no poder por dois anos, mas acusado de ilegalidade foi obrigado a deixar o cargo. Claude Mossé nos diz que Tucídides sublinha o fato de que os tiranos começaram a surgir em cidades ricas e com poderosa armada⁴⁹, pois muitos destes tiranos dialogaram com as falanges militares quando da intenção de chegar ao poder.

Com uma Atenas sem governante, três líderes criaram suas facções para a disputa do poder na *polis*⁵⁰, sendo Mégacles o representante das pessoas do litoral (*paraliáios*) – do *ghene* dos Atcmeônidas e representando a parte moderada dos habitantes, afeitos ao comércio e os artesãos ricos da costa – Licurgo, o representante das pescas da planície (*pedionómós*) – do *ghéna* dos Eteobutades e representante da aristocracia tradicional e a terceira com Pisístrato, representante dos habitantes da montanha (*diácrios*)⁵¹. É encontrada demasiada dificuldade em definir o que seriam estas facções, por se tratarem de conceitos políticos desconhecidos pela política contemporânea; debruçar-se na tentativa de defini-las seria um caminho fácil e perigoso para o anacronismo. Nas palavras de Jean-Pierre Vernant, eles «traduzem um conjunto complexo de realidades sociais que nossas categorias políticas e econômicas não encobrem exatamente.»⁴⁹

Pisístrato ganhara grande renome na guerra contra Mégara⁵⁰ e foi colocado como um exemplo de soldado ateniense. Era um representante da oligarquia embora fosse filho de pai pouco abastado, como apontamos Heródoto⁶¹; destarte, as relações de poder na Antiguidade não eram determinadas pelos fatores econômicos. Percebemos em Heródoto como Pisístrato aproveitou a oportunidade quando da desavença entre as duas primeiras facções:

Anos depois houve uma desavença entre os atenienses da costa e os da planície, os primeiro chefiados por Megaclés filho de Alcmaíon, e os da planície chefiados por Licurgos filho de Aristolaídes. Então Pisístrato, aspirante ao poder soberano, organizou uma terceira facção, reuniu adeptos e se apresentou como defensor dos habitantes da montanha.⁵²

Trabulsi aponta que, ao contrário de Solon, que agiu em uma situação que motivou a sua chamada, Pisístrato teve de «criar» uma situação para dar condições de suas ações⁵³; está aí um claro exemplo de «homem providencial».

No mesmo fragmento, temos a representação do tirano demagogo sobre o qual Mossé teorizou: «Ele [Pisístrato] recorreu ao seguinte estratagema: ferindo-se a si mesmo e aos seus mulos, ele levou seu carro até a ágora, onde contou que havia escapado de seus inimigos, desejosos, segundo disse, de mata-lo enquanto ia para o campo»⁵⁴. Pisístrato foi demagogo desde o começo de sua vida política, aproveitando-se de instabilidade econômica e social da população: «Com efeito, é evidente que, embora Pisístrato recrute seus primeiros partidários entre as pessoas da Diacria – onde se localizavam seus bens patrimoniais – muito cedo vai granjear o apoio de todos os descontentes, independentemente de sua origem geográfica.»⁵⁵

Após a atitude de se ferir, Pisístrato ganhou do povo uma guarda pessoal armada com bordões, espécie de armamento de guerra. Com esta guarda de homens escolhidos, Pisístrato tomou pela primeira vez a cidade, aproveitando-se da desarticulação entre as duas outras facções e de todo o apoio das camadas menos abastadas. Porém – embora nossas fontes nada digam sobre isso, sendo uma indagação nossa – Pisístrato ganhou esta guarda possivelmente porque exercia algum poder oficial, haja vista seu papel na guerra contra Mégara.

Entretanto, após um tempo, as duas outras facções se unem para destituí-lo do poder, pois o tirano ainda não havia tido tempo suficiente para se estabilizar: «Assim Pisístrato, senhor de Atenas por um primeiro período, foi despojado do poder soberano, cujas raízes ainda não estavam firmes»⁵⁶.

Exilado de Atenas, Pisistrato volta pela segunda vez ao poder, para mais uma vez governar por um curto espaço de tempo. As duas facções que se uniram para derrubar Pisistrato novamente entraram em confronto e Mégacles tirou-o de seu exílio, fazendo este se casar com sua filha.

Heródoto nos dá, na parte sessenta da obra, a única informação sobre manipulação popular através da religiosidade grega – o historiador estava muito mais preocupado com as questões políticas em si, e embora tivesse conhecimento das transformações religiosas que ocorreram neste período, não se atenta para estes acontecimentos – e é perceptível sua indignação quando o povo ateniense é manipulado tão facilmente. Mégacles traça um plano para colocar Pisistrato dentro da *polis* ateniense:

(...) tal plano, em minha opinião, era tão ridículo que é estranho (diante do fato de desde os tempos mais remotos os helenos se terem distinguido sempre dos bárbaros por seu maior talento e por sua menor credulidade) que aquelas homens o tenham imaginado para enganar os atenienses, considerados os mais perspicazes de todos os helenos. Havia no distrito Paianieus uma mulher chamada Fia, com uma estatura apenas três dedos mais baixa que quatro côvados, e quanto ao resto muito formosa. Eles a vestiram com uma couraça completa e a puseram em uma carruagem, dando-lhe todos os parâmetros capazes de torná-la ainda mais agradável à vista, e assim a introduziram na cidade; precediam-na alguns arautos, que ao chegar à cidade fizeram uma proclamação, de acordo com instruções recebidas, dizendo o seguinte: "Atenienses! Proporcionai uma acolhida favorável a Pisistrato, o mais honrado entre os homens pela própria Atena, que o traz de volta à acrópole." Foi essa proclamação dos arautos a toda a cidade. Imediatamente passou-se a dizer em todos os distritos que Atena estava trazendo Pisistrato de volta, e os habitantes da cidade, convictos de que a mulher era realmente a deusa, prosternaram-se diante daquela criatura humana e acolheram favoravelmente Pisistrato.^{67 58}

Duas são as hipóteses mais plausíveis sobre a dúvida de Heródoto: ou ele não confiava na fonte da qual coletou esta informação – pois o próprio Heródoto declarou que havia fontes mais confiáveis que outras – ou Momigliano (2004) está equivocado ao afirmar que Tucídides era o patriótico e que Heródoto era um cosmopolita. Heródoto enaltece os helenos em detrimento dos bárbaros; e os atenienses em detrimento dos outros helenos, quem sabe em uma exacerbada opinião patriótica, mesmo ele não sendo ateniense por nascimento.

O caso é que percebemos como a religiosidade estava presente no cotidiano grego e que, diferente da modernidade, os gregos acreditavam

que os deuses estavam materialmente presentes entre a população. Percebemos também que a ajuda de Megacles simbolizava que parte da aristocracia apoiava um alargamento da política na *polis*. Porém, Pisístrato não demorou muito para ser exilado novamente. Um oráculo consultado pelo tirano disse que uma maldição estava presente entre os Alceônidas e este não poderia ter um filho descendente deste *ghéne*, pois seu governo também seria amaldiçoado. Por esta razão o tirano não manteve relações sexuais «normais» com sua esposa. Esta situação causou a ira de Mégacles, o que ocasionou o exílio do tirano pela segunda vez:

Como ele tinha filhos já grandes e se dizia que pesava uma maldição sobre os alceônidas, ele não queria filhos se sua nova mulher, e por isso tinha relações anormais com ela. A princípio a mulher ocultou o fato, mas depois o revelou à sua mãe (não sei se interrogada ou não pela mesma), e a mãe o contou para o próprio marido. Mégacles ficou indignado com a afronta que lhe estava sendo feita, e em sua cólera esqueceu a desavença com a outra facção. Tomando conhecimento dessa atitude contrária a ele, Pisístrato abandonou o território da Ática e foi para Eretria, onde procurou aconselhar-se com seus filhos.⁶⁰

Após ouvir seu filho Hípias – que o aconselhou a tomar o poder novamente, na forma de um golpe de estado – Pisístrato passou a reunir seguidores e a formar um exército com que levasse a cabo a reconquista de Atenas, segundo os dizeres de Heródoto. Pisístrato e seus filhos vão às cidades que já eram conhecidos, como Tebas, para coletar dinheiro e homens: «(...) e eles fizeram uma coleta de contribuições em todas as cidades às quais haviam prestado algum serviço»⁶⁰. Com uma liga formada por admiradores, mercenários e outros exilados, Pisístrato começou seu projeto de tomar Atenas, ocupando Maratona e colhendo mais donativos nesta região:

No curso de undécimo ano eles partiram de Eretria de volta à sua terra, onde ocuparam primeiro Maratona; enquanto estavam lá vieram juntar-se a eles seus adeptos da cidade, e outras pessoas dos distritos daquela região. Então eles reuniram suas forças; os atenienses da cidade, todavia, que enquanto Pisístrato fazia a coleta de dinheiro e mesmo depois de ele haver ocupado Maratona não davam maior importância a tais acontecimentos, passaram a dar quando souberam que ele estava marchando de Maratona contra Atenas, e tomaram a decisão de atacá-lo; e saíram com todas as suas forças ao encontro dos exilados que voltavam. Estes, em sua marcha de Maratona rumo à cidade, encontraram os adversários ao chegar ao templo de Atena em Palene, e acamparam à sua frente.⁶¹

Após, nos conta Heródoto, Pisístrato ter ouvido um adivinho, de nome Anfílitos – que inspirado por um deus recita um poema contando a vitória de Pisístrato – pôs-se em marcha com suas tropas⁸². Atacando de surpresa, pois os atenienses haviam ido almoçar e após o almoço alguns pensavam em jogar dados, outros em dormir⁸³, as tropas de Pisístrato marcham sobre Atenas e se instala a tirania. As informações dadas por Heródoto em sua obra sobre o momento da tomada de poder das tropas de Pisístrato é insuficiente para compreendermos na totalidade qual foi o grau de resistência que a cidade exerceu sobre estas tropas, ou quantas foram as perdas de ambos os lados. O fato é que Pisístrato tomou a cidade pela terceira vez, e desta vez definitivamente.

A parte sessenta e cinco do primeiro livro das *Histórias* é a última que faz menção a Pisístrato. Nela temos uma narrativa relativamente rica das posições tomadas pelo novo governante para firmar os alicerces de sua tirania:

(...) chegando lá, ele tratou de dar raízes à tirania, com a ajuda de numerosos mercenários e mediante a imposição de tributos tanto em Atenas quanto na região do rio Strímon; além disso ele tomou como reféns os filhos dos atenienses que tinham preferido resistir em vez de fugir sem demora, e os instalou em Naxos (ele havia conquistado essa ilha e tinha antrague seu governo a Lígdamis). Mais ainda, ele mandou purificar a ilha de Delos em obediência ao oráculo, e isso foi feito da seguinte maneira: Pisístrato mandou exumar todos os mortos sepultados em terrenos visíveis do templo e levá-los para outra parte de Delos. Ele era então o detentor do poder soberano em Atenas; quanto aos atenienses, alguns tombaram em combate, e outros saíram com os almeônidas de sua terra para o exílio.⁸⁴

Camila da Silva Condilo elucida a discussão presente na historiografia que trata de Heródoto sobre a opinião do historiador grego acerca da tirania. Temos que entender que o conceito de historiador para os gregos desta época estava pautado na coleta de fontes buscando o caminho da verdade. Desta forma, o historiador seria o «juiz» quando da angaria destes dados⁸⁵. Concordamos com Condilo quando afirma que, diferente de Tucídides, Heródoto não possui uma clareza em suas opiniões acerca do que escreve, muito devido a estar em um momento de transição do pensamento mítico para um pensamento político-racional⁸⁶. Percebemos também que poucas são as passagens no texto de Heródoto que se referem aos tiranos de uma maneira negativa; na maioria das passagens o historiador narra os fatos, porém sem um juízo de valor agudo.

Como forma de conclusão, mesmo que essa possa ser parcial, constatamos que o «homem providencial» Pisistrato, por meio de uma certa demagogia, fez-se necessário como alternativa ao governo que, embora não fosse mais aristocrático em sua essência, ainda conservava os alicerces da antiga aristocracia homérica. A tirania surge – assim como em outras *poiesis* – na Ática como forma de contestação de certas estruturas. Embora o baldrame da sociedade ainda não fosse transformado Pisistrato, ao mesmo tempo em que não provoca a ira da elite vigente – pois não transforma os mecanismos sócio-econômicos vigentes – agrada e aproxima a grande massa, adotando costumes caros a esta população, entre eles a aproximação de cultos populares ao ambiente urbano. Neste jogo com os meandros do poder, Pisistrato é um dos únicos tiranos da Antiguidade a morrer por morte natural e ainda legar seu governo a seus filhos, os Pisistrátidas.

Notas

¹¹ Ver MOSSÉ, Claude. *La Tyrannie dans la Grèce antique*. Paris: Quadrige/PUF, 2004.

¹² LEVI, Mario A.. *Pérides: um homem, um regime, uma cultura*. Brasília: Ed. UnB, 1991, p. 30.

¹³ GUARINELLO, Norberto L., *Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo: Ática, 1994, p. 14.

¹⁴ JONES, Peter V., *O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 5.

¹⁵ MOSSÉ, Claude, *A Grécia Arcaica de Homero a Esquilo (Séculos VII – VI a. C.)*. Lisboa: Setenta, 1989, p. 103.

¹⁶ A moeda no período arcaico não se popularizou, sendo um artigo utilizado em alguns locais e, de acordo com os estudos, não interferiu nas relações comerciais por muito tempo.

¹⁷ Alguns autores tratam esta expansão comercial como um capitalismo antigo. É o caso de Gustave Glotz, 1990: 84, que afirma que «um capitalismo cada vez mais audacioso domina o mundo grego, deixando para trás a vida mesquinha dos velhos tempos.» Como sabemos que aplicar a noção de capitalismo para a Antiguidade é um anacronismo e que a noção de economia para os gregos não surge no período arcaico, este tipo de afirmação se torna infundada.

¹⁸ MOSSÉ, Claude, *op. cit.*, p. 122.

¹⁹ MOSSÉ, Claude, *ibidem*, p. 123.

²⁰ MOSSÉ, Claude, *ibidem*, p. 124.

²¹ MOSSÉ, Claude, *ibidem*, pp. 134-135.

²² MOSSÉ, Claude, *ibidem*, p. 137.

²³ TRABULSI, José A. Dabdab, *Dionisismo, Poder e Sociedade na Grécia até o fim da época clássica*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2004, p. 59.

²⁴ TRABULSI, José A. Dabdab, *ibidem*, p. 60.

²⁵ JONES, Peter V., *op. cit.*, p. 6.

²⁶ «Elaborador de leis».

²⁷ BIGNOTTO, Newton. *O Tirano e a Cidade*. São Paulo: Discurso, 1993, p. 33.

²⁸ GLOTZ, Gustave, *A Cidade Grega*. São Paulo: Difel, 1980, p. 87.

²⁹ LEÃO, DeFim P., *Sólon: ética e política*. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 2001, p. 231.

³⁰ Espécies de rendeiros obrigados a dar um sexto da colheita aos que controlavam a terra no qual trabalhavam, por isso o nome, que significa sextaneiros.

³¹ Camponeses pobres que se viam forçados a endividar-se, ficando sob a ameaça de serem reduzidos à condição de escravos caso não pagassem a dívida.

³² BIGNOTTO, Newton, *op. cit.*, p. 26.

³³ VERNANT, Jean-Pierre, *As Origens do Pensamento Grego*. 5ª edição. São Paulo: Difel Editorial, 1988, p. 58.

³⁴ BIGNOTTO, Newton, *op. cit.*, p. 28.

³⁵ Famílias que controlavam parte do poder estatal. Esta reunião de famílias – sineclismo – cunhava moedas com seus próprios símbolos, amavam tropas e possuíam fortunas que os faziam capazes de ditar os rumos de parte da vida econômica política.

³⁶ MOSSE, Claude, *Atenas: a história de uma democracia*. 2ª edição. Brasília: Ed. UnB, 1982, p. 16.

³⁷ LÉVI, Mario A., *op. cit.*, p. 32.

³⁸ JONES, Peter V., *op. cit.*, p. 8.

³⁹ MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Bauru: Ed. USC, 2001, p. 56.

⁴⁰ CONDILO, Camila da S., *Heródoto, as tiranias e o pensamento político nas Histórias*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de História, 2008 (dissertação de mestrado). p. 19.

⁴¹ SAXONHOUSE, Arlene W., «The Tyranny of Reason in the World of the Polis» in *The American Political Science Review*. Washington, 82, nº 4, pp. 1261-1275 1261.

⁴² KOSELLÉCK, Reinhart, *Futuro Passado: contribuição à semiótica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 137.

⁴³ SAXONHOUSE, Arlene W., *op. cit.*, p. 1261.

⁴⁴ TRABULSI, José A. Dabdal, *Ensaio sobre a mobilização política na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 59.

⁴⁵ MOSSÉ, Claude. *La Tyrannie dans la Grèce antique*. Paris: Quadrige/PUP, 2004, p. 1.

⁴⁶ FINLEY, Moses, *A política no mundo antigo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 119.

⁴⁷ Nascido em Halicarnasso, na Cária – atualmente Turquia – aproximadamente em 480 a. C., Heródoto viaja todo o Mediterrâneo e vai até a Ásia, após ser exilado de Atenas por questões políticas. Durante essa viagem coleta abundante material para recopilar sua obra, que recita posteriormente na época ateniense.

⁴⁸ GAGNEBIN, Jeanne M., *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Trinta e Quatro, 2006, p. 45.

⁴⁹ HARTOG, François, *El espejo de Heródoto: ensayo sobre la representación del otro*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 290.

¹⁴⁰ MOMIGLIANO, Arnaldo, *op. cit.*, p. 60.

¹⁴¹ BROWN, Truesdell S., «Herodotus and His Profession» in *The American Historical Review*. Washington, 59, nº: 4, 1954, p. 829.

¹⁴² A musa que representa a glória. Segundo Pierre Grimal (2000) é tardiamente que são atribuídas funções às musas, a Clio acabou tornando-se a musa da História.

¹⁴³ Contudo, esta divisão em livros, bem como o próprio nome da obra, foi estabelecida por convenção posterior e não pelo próprio Heródoto. Vale ressaltar também que Heródoto em muitas ocasiões de sua obra colocou as diversas divindades participando do curso da história grega.

¹⁴⁴ Além das *Histórias*, redigida no período clássico, temos a *Constituição de Atenas* do período helenístico, ambas após o acontecimento das tiranias.

¹⁴⁵ MOMIGLIANO, Arnaldo, *op. cit.*, p. 55

¹⁴⁶ MOSSÉ, Claude, *op. cit.*, p. 166.

¹⁴⁷ FERREIRA, José R.; Leão, Delfim F. *Dez Grandes Estadistas Atenienses*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 89.

¹⁴⁸ Jean-Pierre Vernant (1966) delinea os participantes das facções: os *parietianos* são provavelmente mercadores que trafegavam as regiões marítimas; os *perionômios* são os ricos proprietários de terras que cercam a aglomeração urbana e os *diácrios* – que são os mais populares – compostos de pequenos aldeões, *thétes*, lenhadores, carneiros, todos habitantes dos *démios* periféricos mais afastados do centro urbano.

¹⁴⁹ VERNANT, Jean-Pierre, *op. cit.*, p. 70.

¹⁵⁰ Mégara Io. uma promissora cidade-estado até o início do século VI a.C. Após esta guerra é anexada à Atenas e passa a ser uma colônia desta.

¹⁵¹ HERÓDOTO, *Histórias*, I, 59.

¹⁵² Her. *Hist.*, *ibidem*, I, 59.

¹⁵³ TRABULSI, José A. Dabdab, *op. cit.*, p. 62.

¹⁵⁴ Her. *Hist.*, I, 59.

¹⁵⁵ MOSSÉ, Claude, *op. cit.*, p. 17.

¹⁵⁶ Her. *Hist.*, I, 60.

¹⁵⁷ Her. *Hist.*, *ibidem*, I, 60.

¹⁵⁸ Walter Burkert (1993) complementa dizendo que mensageiros foram enviados antes para dizer que a deusa estava conduzindo Pisistrato à cidade, desta forma fez as pessoas saírem de suas casas e assistir o ocorrido.

¹⁵⁹ Her. *Hist.*, I, 61.

¹⁶⁰ Her. *Hist.* *ibidem*, I, 61.

¹⁶¹ Her. *Hist.* *ibidem*, I, 62.

¹⁶² Her. *Hist.* *ibidem*, I, 63.

¹⁶³ Her. *Hist.* *ibidem*, I, 63.

¹⁶⁴ Her. *Hist.* *ibidem*, I, 63.

¹⁶⁵ CONDILO, Camila da S., *op. cit.*, p. 21.

¹⁶⁶ CONDILO, Camila da S., *ibidem*, p. 94.